
SOCIOLINGÜÍSTICA E ENSINO: DIÁLOGOS PERTINENTES

Juliana da Silva *

Resumo: As reflexões apresentadas neste trabalho surgiram de uma proposta da disciplina Teoria Didática e Pedagógica que propôs a elaboração de um trabalho a partir de ideias advindas do campo das pré- observações em sala de aula de uma escola pública. Partimos do objetivo geral de observar como a variação linguística é trabalhada em sala de aula, a partir de uma proposta de intervenção. A fundamentação teórica segue os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]). O ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas representa um grande desafio para os profissionais da área. Apesar do empenho dos professores e os avanços nos documentos oficiais, existe uma barreira que separa a prática docente e as teorias propostas nos documentos oficiais.

Palavras-chave: Sociolinguística 1. Ensino de Língua Portuguesa 2. Material didático 3. Preconceito linguístico 4.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo sobre o tratamento dado a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa de uma escola pública do estado de Pernambuco. Desta forma, descreveremos os aspectos metodológico relacionados as diferentes fases da pesquisa. O município de Serra Talhada está localizado no interior do estado de Pernambuco.

As reflexões apresentadas neste trabalho surgiram de uma proposta da disciplina Teoria Didática e Pedagógica que propôs a elaboração de um trabalho a partir de ideias advindas do campo das pré- observações em sala de aula de uma escola pública. Ao longo da disciplina, foram dadas orientações voltadas para a realização desta pesquisa. Entre essas orientações, deveríamos observar as aulas de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Fundamental ou Médio, e ao final elaborarmos uma proposta de intervenção que estivesse relacionada com as dificuldades do professor regente.

Temos como principal objetivo observar como a variação linguística está sendo trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa em uma turma do Ensino Médio. Nossa análise está pautada em dois momentos distintos a saber: 1) observação das aulas de Língua Portuguesa; 2) proposta de intervenção.

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas representa um grande desafio para os profissionais da área. Apesar do empenho dos professores e os avanços nos documentos oficiais, existe uma barreira que separa a prática docente e as teorias propostas nos documentos oficiais

* Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE). Graduada no curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, bolsista CAPES. E-mail: julianasilvaletras@gmail.com.



Atualmente encontramos diversos trabalhos publicados que abordam o tema da variação linguística dentro do espaço escolar, entretanto ainda existe uma grande dificuldade do professor em articular esse conhecimento com sua prática pedagógica.

Sabemos que as aulas de Língua Portuguesa são direcionadas pelo o uso de material didático, mais especificamente, o livro didático. Desta forma, nossa proposta de intervenção levou em consideração a realidade dos professores, bem como, o uso que fazem do livro didático em sala de aula.

As aulas de Língua Portuguesa devem ser pensadas como um espaço da diversidade linguística, sendo extremamente necessária uma discussão sobre a variação linguística, a Sociolinguística surge então, mesmo não sendo seu objetivo principal, como uma ferramenta para tentamos desconstruir formas de ensino pautadas muitas vezes no preconceito linguístico. Mas antes disso, e principalmente por isso, a Sociolinguística destaca-se por lançar mão de uma teoria linguística que vai tratar da diversidade linguística, que está presente tanto na língua como na sociedade.

O artigo está dividido em três seções, a primeira seção refere-se à discussão teórica, onde são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam nossas discussões. Na segunda seção, apresentamos os procedimentos metodológicos. A terceira seção, trata da análise dos dados, e na última seção trazemos as considerações finais.

1 Pressupostos teóricos

Os caminhos da sociolinguística como ciência foram marcados por diversos interesses dos estudiosos, que apesar de não terem como foco o estudo da língua enquanto um fato social, sempre esbarravam em questionamentos que estavam voltados para a relação entre língua e sociedade. A Sociolinguística começou a ganhar espaço como campo de estudo da linguagem a partir do final dos anos 60.

A origem da Sociolinguística norte-americana está relacionada a três áreas, a linguística, a antropologia e a sociologia. Inicialmente usavam-se os termos “sociolinguística” e “sociologia da linguagem” para designar a relação entre língua e sociedade. Ao passar do tempo percebeu-se que os termos não deveriam ser sinônimos, pois notava-se uma diferença em relação à natureza de cada termo, e sua necessidade de estudo.

De modo sintético, explicava-se tal diferença do seguinte modo: enquanto a sociolinguística estaria preocupada principalmente com uma descrição maior e mais ampla da linguagem, tendo em foco o efeito da sociedade sobre a língua (realizada principalmente por linguistas e antropólogos), a sociologia da linguagem enfocaria a explicação e previsão de fenômenos de linguagem no comportamento social, ou



seja, o efeito da língua na sociedade (conduzida principalmente por cientistas sociais, assim como por alguns linguistas). (SALOMÃO, 2011, p.187)

Para Shuy (2003) apud Salomão, a Sociolinguística teria surgido pela antiga linguística antropológica, pois compreendiam que os sociolinguistas tinham como tarefa a descrição e análise da língua, a qual também estava inclusa os aspectos da cultura. Já a contribuição da sociologia estaria relacionada à disciplina da sociologia da linguagem, essa disciplina era lecionada por linguistas e sociólogos, esses estudiosos investigavam a natureza do comportamento social e os aspectos da linguagem de forma difundida.

A fundação de uma escola teórica Sociolinguística ocorreu em uma reunião, a qual foi organizada por William Bright e teve a participação de 26 linguistas, os quais tinham trabalhos relacionados à área da linguística social.

William Bright, encarregado da publicação das atas (Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1966), tentou sintetizar as diferentes contribuições e definiu o objeto de estudo deste campo como sendo a diversidade linguística, cujos fatores condicionantes, a seu ver, estariam relacionados à identidade social do falante, à identidade social do destinatário e ao contexto (MONTEIRO, 2000). Bright, nesse momento, concebeu a Sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatores da língua, que viria a complementar a Linguística ou a Sociologia e a Antropologia, mas tal subordinação pouco a pouco começou a desaparecer com Labov, um dos mais conhecidos sociolinguistas (SALOMÃO, 2011, p.189)

Bright definiu o objeto de estudo desse campo, que seria a diversidade linguística. Para ele a linguística estaria subordinada às demais áreas como: a antropologia e a sociologia. Já Labov, através dos seus estudos, ao longo do tempo, demonstrou que essa subordinação não fazia mais sentido, pois para ele era redundante não conceber a língua a partir dos aspectos sociais. Apesar de Bright ter definido o objeto de estudo desse campo, foi somente com Labov que esse objeto passou a ser sistematizado.

O linguista estadunidense William Labov é considerado o precursor da Sociolinguística, desenvolveu pesquisas nas áreas de variação e mudança linguística e dialetologia e também é o responsável por ter criado a Metodologia Variacionista. Observando a língua a partir de uma visão diferente das correntes teóricas anteriores, Labov (2008 [1972]) considera a língua heterogênea, rompendo assim com a ideia de homogeneidade linguística.

Vários são os interesses de estudo dessa área, entre eles podemos citar: o contato entre as línguas, as questões relativas ao surgimento e extinção linguística, além de multilinguíssimo, variação e mudança, que segundo Mollica (2008) constituem temas de investigação da área. Desse modo, por se tratar de uma área ampla, iremos nos focar na Sociolinguística Variacionista que também é conhecida como Sociolinguística Quantitativa por operar com números na quantificação dos



resultados, como também podemos utilizar o termo Teoria da Variação e Mudança Linguística para nos referir à Sociolinguística Variacionista.

Ao abordarmos o tema da variação linguística, podemos encontrar também tipos diferentes de variação são elas: a variação diatópica; a variação diacrônica; a variação diastrática e a variação diafásica. A variação diatópica refere-se aos usos diferentes da língua em diferentes regiões ou localidades, ou seja, uma variação geográfica. Já a variação diacrônica está relacionada à evolução que a língua sofreu com o passar do tempo, onde determinadas formas linguísticas, foram sendo substituídas.

A variação diastrática está intimamente relacionada com os aspectos sociais do indivíduo, e nas suas escolhas enquanto falante de determinada comunidade de fala, onde os fatores sociais como a classe social, a faixa etária e a escolaridade vão exercendo significativa influência para as escolhas linguísticas desses falantes. Na variação diafásica, esses diferentes usos da língua vão estar relacionados aos estilos que determinados falantes assumem, de acordo com as diferentes situações em um contexto de interação.

Em uma comunidade de fala podemos encontrar formas linguísticas em variação, ou seja, formas linguísticas que são utilizadas ao mesmo tempo e que possuem um mesmo valor de verdade, essas formas linguísticas são chamadas de variantes linguísticas. E a reunião dos diferentes modos de se dizer uma mesma forma linguística chamamos de variável linguística.

[...] São frequentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com mesmo valor de verdade. (TARALLO, 2007, p.08)

As teorias linguísticas não foram criadas propositalmente para o ensino, entretanto com passar do tempo vários pesquisadores das Universidades Brasileiras começaram a direcionar uma Sociolinguística que desse conta das variações, que também podem ser encontradas no ambiente escolar. É preciso que haja um diálogo constante entre a Sociolinguística e as teorias voltas para Ensino de Língua Portuguesa, assumindo assim uma postura ética voltada para a realidade social dos alunos.

2 Metodologia

Para esse estudo, foram realizadas observações sistemáticas em uma sala de aula da Escola Irmã Elizabeth, atualmente localizada no município de Serra Talhada- PE. Essa escola pertence a Rede Estadual das Escolas de Pernambuco. Este trabalho surgiu a partir de uma proposta da disciplina Teoria



Didática e Pedagógica que propôs a elaboração de um trabalho a partir de ideias advindas do campo das pré-observações em sala de aula de uma escola pública

É importante mencionarmos, que essas observações ocorrerão posteriormente ao período do estágio da disciplina de Língua Portuguesa I, sendo assim, os discentes já estavam familiarizados com a presença do pesquisador. Optamos por observar as mesmas turmas do estágio de observação, pois essas turmas estavam mais familiarizadas com a presença do pesquisador. Foram observadas as seguintes turmas: 1º ano C e 1º ano D.

3 Análise de dados

Na primeira fase desta pesquisa, foram realizadas observações sistemáticas das aulas de Língua Portuguesa em duas turmas do Ensino Médio. A partir destas observações, foram feitas anotações escritas, que funcionaram como uma espécie de diário de campo. Ao final destas anotações foi feita uma seleção dos principais assuntos abordados nas aulas de Língua Portuguesa. Durante essa fase de seleção dos assuntos, constatamos que nenhum dos conteúdos listados tinham como foco a variação. A temática surgiu sutilmente durante uma aula na turma do 1º D ano do Ensino Médio.

Especificamente nessa aula, tivemos como conteúdo, o uso das aspas e a construção de sentidos, e foram conduzidas discussões relacionadas ao uso das aspas e ao emprego de gírias. Retomando a discussão sobre as gírias, a docente induziu um pequeno debate sobre os usos das gírias no ambiente escolar. Em seguida escreveu no quadro um exercício de compreensão sobre assunto. O exercício foi respondido oralmente conforme a leitura dos enunciados. Durante o processo de diálogo entre os alunos a expressão “bucho cheio” surgiu e a professora falou brevemente sobre variação linguística.

Observa-se que não houve um aprofundamento dessa temática, ou seja, não houve uma articulação entre o assunto trabalhado e os processos de variação da língua. As gírias refletem um vocabulário informal da faixa etária mais jovem, sendo recorrente nos processos de variação estilística. Em relação expressão “bucho cheio”, acreditamos que nesse momento a professora poderia ter discutido sobre as diferenças regionais do falar nordestino, dando ênfase em exemplos de variação lexical.

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada gíria de grupo, isto é, a de vocabulários de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabeleceu com a sociedade. Inusitados são por exemplo, os grupos jovens ligados a música a dança as diversões... (PRETI, 2004, p.66)



Nesse sentido, as gírias são marcas expressivas de identidade relacionadas a aceitação em grupos sociais, sendo algo mais característico de um falar regional. Elas também, são usadas como marcas de oposição a um determinado sistema, como uma forma de protestar sobre determinada realidade social. As gírias variam de acordo com a região, sendo bastante recorrente os usos de gírias em letras de músicas, poemas e programas de TV.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa servem de suporte para o trabalho com a variação linguística em sala de aula, esse documento orienta os profissionais com o trabalho com a diversidade linguística, ou seja, a língua é um sistema heterogêneo e variável, que sofre diferentes influências de fatores externos como a faixa etária, a escolaridade e localidade.

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN – Língua Portuguesa, 1998, p.31).

Observamos assim, que conceitos como “certo” e “errado” não devem ser usados, pois na língua não há acertos e nem erros, mas variações, formas diferentes de usar a língua. É preciso adequar a linguagem de acordo com os diferentes contextos comunicativos, por exemplo na modalidade escrita da língua utilizamos a norma culta na escrita de diferentes gêneros textuais como uma redação, uma resenha crítica, ambos pedem uma linguagem mais formal. Entretanto, se um grupo de alunos fossem escrever um bilhete ou uma receita, eles iriam utilizar uma linguagem mais informal, propicia a natureza tipológica destes gêneros.

Segundo Mollica (2007) denominamos de norma culta ou padrão culto um conjunto de comportamentos linguísticos comprometidos com o cânone gramatical. Trata-se da norma associada ao prestígio, sendo altamente avaliada como positiva dentro do ambiente escolar.

Na segunda fase da pesquisa, elaboramos uma proposta de intervenção que teve como foco o trabalho com a variação linguística. Para o desenvolvimento desta proposta, levamos em consideração os seguintes aspectos: 1) abordar exemplos de atividades que estejam articuladas com o uso do livro didático; 2) despertar o interesse dos participantes (alunos e professor); 3) trabalhar com a variação em sala de aula.

Iniciamos nossa proposta de intervenção com a distribuição de notícias que foram retiradas de jornais e revistas eletrônicas, essas notícias retratavam o polêmico caso do livro por uma vida



melhor. Nesse momento inicial, os alunos fizeram a leitura silenciosa das notícias, em seguida, dividimos a turma em dois grupos, cada grupo deveria apresentar argumentos favoráveis ou desfavoráveis em relação a polêmica do livro.



A notícia acima¹, foi retirada de uma página online do Jornal Nacional, sendo bastante comentada nos meios midiáticos. Optamos por trabalhar com o gênero notícia, devido as características multimodais deste gênero e principalmente devido as posições ideológicas assumidas pelos sujeitos ao se apropriarem de determinados contextos discursivos. Essas notícias representam as diferentes as vozes dos segmentos sociais, e entre esses segmentos destacamos a posição assumida pelo senso comum.

No segundo momento, fizemos uma contextualização dessa polêmica aos alunos e apresentamos os diferentes pontos de vistas que estavam circulando na mídia naquela época. O livro didático por uma vida melhor foi escrito pela pesquisadora Heloísa Ramos, sendo distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) aos alunos do programa EJA (Educação de Jovens e Adultos).

No terceiro momento, os alunos apresentaram os argumentos favoráveis e desfavoráveis a esse episódio, inicialmente os alunos apresentaram argumentos positivos em relação as notícias, entretanto, os mesmos foram convidados reler os excertos originais retirados do livro por uma vida melhor.

¹ <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/mec-defende-que-aluno-nao-precisa-seguir-algumas-regras-da-gramatica-para-falar-de-forma-correta.html>



Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos:

O fato de haver a palavra *os* (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os **livros** ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: "Mas eu posso falar 'os livro'?"

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.ª/2.ª/3.ª) com o ser envolvido na ação que ele indica.

O menino pegou o peixe. menino → singular pegou → singular	Os meninos pegaram o peixe. meninos → plural pegaram → plural
O menino pegou o peixe. menino → 3.ª pessoa pegou → 3.ª pessoa	Eu peguei o peixe. eu → 1.ª pessoa peguei → 1.ª pessoa

Em relação ao excerto apresentado acima, autora apresenta algumas construções envolvendo a variação na regra de concordância. Observem que em nenhum momento, autora assume uma posição favorável a não aplicabilidade da regra, ao contrário, ela apresenta os diferentes tipos de variações das regras de concordância, e como essas variações de alguma forma, podem desencadear atitudes de preconceito linguístico.

Nesse sentido, a norma culta não vai ver com bons olhos essas variações, conceitos como certo e errado fomentam o uso do Português Padrão, não estamos negando a importância das regras gramaticais e, contudo, não devemos estigmatizar uma determinada fala devido à mesma não estar de acordo com a norma padrão. Esse episódio só demonstrou a total falta de conhecimento do meio jornalístico sobre a Sociolinguística, o então Ministro da Educação Fernando Haddad se pronunciou contra a censura da obra.

Segundo Viera (1995, p.115) "a não realização da concordância verbal, constitui, sem dúvida, um traço de diferenciação social, de cunho estigmatizante, que se revela com mais nitidez no âmbito escolar". Ou seja, os padrões de concordância verbal são relativamente variáveis, sendo condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Desta forma, acreditamos, que as discussões apresentadas pela autora do livro por vida melhor ressaltam os aspectos sociolinguísticos da nossa língua, sendo a concordância apenas um dos muitos tipos de variações existentes na nossa língua.



No último momento da pesquisa, os alunos ficaram surpresos com o conteúdo do capítulo, absolutamente todos os grupos apresentaram argumentos negativos em relação as notícias vinculadas na mídia. Nesse sentido, percebemos que era extremamente relevante uma discussão sobre preconceito linguístico. Em seguida, os alunos foram orientados para a realização de um debate regrado. É importante mencionar, que escolhemos o gênero debate regrado, pois constatamos através das observações em sala de aula, que esse gênero foi recentemente trabalhado pela professora regente.

O debate regrado é um gênero argumentativo oral, produzido pelo um grupo de pessoas com opiniões conflitantes. Trata-se de um “debate de opinião de fundo controverso, que diz respeito as crenças e opiniões, não visando a uma decisão, mas uma colocação em comum das diversas posições com a finalidade de influenciar a posição do outro”. (Scheneuwly e Dolz, 2010:215)

Durante a situação de debate, os alunos demonstraram um envolvimento e afinidade com o tema, o debate foi mediado pela professora regente. Ao final, todos os participantes demonstraram-se participativos e principalmente envolvidos com a temática.

A nossa proposta de intervenção, teve como foco a variação linguística e principalmente como essa variação poderia acatar atitudes de preconceito linguístico. A presença do preconceito linguístico no ambiente escolar está condicionada a presença de diferentes fatores entre eles destacamos: a descriminalização, a exclusão social, status social e a presença de uma variedade de prestígio.

A escola tem a função de combater qualquer forma de preconceito, já em relação ao preconceito linguístico cabe ao professor de Língua Portuguesa trabalhar com todas as variantes possíveis e principalmente aquelas que são faladas por seus alunos. Cabe aos professores realizar um trabalho de conscientização, para que atitudes negativas em relação a língua sejam combatidas, que falsos rótulos sejam quebrados e que o trabalho com a diversidade linguística seja constante.

Os sociolinguistas têm-se voltado para análise dessas relações, e o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado tomando-se como referência o padrão culto. As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribuiu em continuum, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e num processo sistemático e paulatino, pode vir apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária. (MOLLICA, 2007, p.13)

Os estudos sociolinguísticos vêm contribuindo para mapeamento linguístico de diferentes variedades, esses estudos ressaltam a natureza social de diferentes comunidades de fala, nesse sentido a Sociolinguística preocupa-se em entender os diferentes processos de variação e mudança linguística. Sendo o preconceito linguístico, um tema recorrente na área, acreditamos que ainda há



muito a ser falado, para que os estudantes e professores tenham consciência que as atitudes de preconceito linguístico geram nuances que perpassam as escolhas linguísticas dos falantes.

Considerações finais

Neste artigo apresentamos discussões pertinentes sobre o tratamento dado a variação linguística na sala de aula. As reflexões expostas aqui, surgiram de uma proposta da disciplina Teoria Didática e Pedagógica que propôs a elaboração de um trabalho a partir de ideias advindas do campo das pré-observações em sala de aula de uma escola pública.

Em um primeiro momento, apresentamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, que estuda os processos de variação e mudança linguística em diferentes comunidades de fala. Prosseguimos nossa discussão, com a descrição dos procedimentos metodológicos.

Na seção de análise dos dados, detalhamos as principais etapas desta pesquisa. A primeira fase correspondeu às observações sistemáticas das aulas de Língua Portuguesa em duas turmas do Ensino Médio de uma escola pública, localizada no município de Serra Talhada.

As primeiras considerações sobre as observações sistemáticas das aulas de Língua Portuguesa nos revelam que a temática não foi discutida corretamente, faltando uma articulação com a realidade linguística dos alunos. As escolhas linguísticas dos falantes dependem do contexto social econômico que estão inseridos, e até mesmo da própria história de vida de sua comunidade. Essas observações nos evidenciam uma certa ruptura entre a teoria e a prática pedagógica.

Como vimos, a variação linguística não é abordada de maneira satisfatória pela professora regente, o que vemos é a presença de um modelo tradicional de ensino. Cabe a escola, desenvolver atividades de formação, que contemplem o trabalho pedagógico voltado para os diferentes usos da língua.

A Sociolinguística ocupa um papel fundamental na formação dos professores, justamente por proporcionar uma formação em que haja o reconhecimento de diferentes fenômenos variáveis, é preciso vencer os preconceitos linguísticos, muitas vezes, velados pela falta de informação.

No tocante, a segunda fase da pesquisa foi elaborada uma proposta de intervenção, que teve como foco o trabalho com a variação linguística. Nossa proposta de intervenção pautou-se em uma discussão polêmica relacionada ao livro por uma vida melhor. Esse polêmico episódio, contribuiu para a conscientização dos alunos em relação a variação linguística, combatendo assim as atitudes de preconceito linguístico.

De forma geral, percebemos que os estudos sociolinguísticos contribuem para o reconhecimento de diferentes variedades linguísticas e os valores sociais nelas implicados. Algumas



lacunas foram constatadas em relação a falta de articulação deste tema nas aulas de Língua Portuguesa.

Entre a Sociolinguística e o ensino podemos encontrar diferentes diálogos, diálogos esses, relacionados as questões linguísticas e educacionais do ensino da Língua Portuguesa. Esperamos que esses diálogos abram espaços significativos para uma formação crítica dos alunos, rompendo-se assim com a ideia de homogeneidade linguística.

Sociolinguistics and teaching: relevant dialogos

Abstract

The reflections presented in this work arose from a proposal of the discipline Didactic and Pedagogical Theory that proposed the elaboration of a work based on ideas from the field of pre-observations in the classroom of a public school. We start from the general objective of observing how the linguistic variation is worked in the classroom, from a proposal of intervention. The theoretical foundation follows the assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]). The teaching of Portuguese in public schools represents a great challenge for professionals in the area. Despite the commitment of teachers and the advances in official documents, there is a barrier that separates the teaching practice and the theories proposed in the official documents.

Keywords: Sociolinguística 1. Teaching Portuguese Language 2. Didactic material 3. Linguistic prejudice 4.

Referências

- BRASIL, Secretária de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares**. Secretária de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1988.
- BRASIL, Conselho Federal de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio—Parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000. 71 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf Acesso em: maio. 2018.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- MOLLICA, M. C. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In. : Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2008
- MOLLICA, M. A. **Fala letramento e inclusão social**. São Paulo: contexto, 2014.
- PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SCHNEUWLY B, DOLZ J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras; 2004.
- SHUY, R.W. A brief history of American Sociolinguistics 1949-1989. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. (Eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 4-16.
- TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 2007.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues. **A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável**. Graphos. João Pessoa, V. 2, n.1, 1997.
- SALOMÃO, A. C. B. **Variação e Mudança Linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187207, 2011

